



SEÇÃO: LINGUÍSTICA – DOSSIÊ: CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIA EM DIFERENTES AMBIENTES DE INTERAÇÃO

Testemunhos de pessoas em situação de rua: quais são suas histórias de resistência?

Testimonies from homeless people: What are their stories of resistance?

Testimonios de personas sin hogar: ¿cuáles son sus historias de resistencia?

Luciano Magnoni

Tocaia¹

orcid.org/0000-0002-1259-2045

lucianotocaia@gmail.com

Recebido em: 13 maio 2024.

Aprovado em: 17 set. 2024.

Publicado em: 09 dez. 2024.

Resumo: Neste artigo, visamos a apresentar análises linguístico-discursivas de testemunhos colhidos junto a pessoas em situação de rua na cidade de Paris, desenvolvidas no quadro de um projeto de pós-doutorado mais amplo sobre o gênero testemunho como discurso de resistência no Brasil e na França. Para tanto, baseamo-nos nos saberes advindos do quadro teórico da análise do discurso francesa de base enunciativa (Maingueneau, 2005, 2006, 2008, 2015), circunvizinhos pelas ideias desenvolvidas pela semiótica greimasiana (Barros, 2008; Fiorin, 2008, 2009; Greimas; Courtés, 2006) e pelos estudos sobre questões relacionadas ao preconceito, à intolerância na/pela linguagem (Barros, 2011; Tocaia, 2018, 2023). Metodologicamente, em uma abordagem qualitativo-interpretativista, por meio de quatro planos propostos pela "semântica global" associados a questões de "sintaxe e semântica discursiva", consideramos os testemunhos como discursos, e buscamos examinar como se dão as projeções da enunciação no enunciado, definir o quadro de valores ideológicos nos quais esses discursos se inserem, verificar como se reproduzem nos testemunhos alguns imaginários sociais e, em rápidas pinceladas, depreender o ator da enunciação (um *éthos*) de um grupo minoritarizado considerado sem voz. Os resultados permitem apreender, nos textos analisados, as mazelas e dificuldades de pessoas que, em situação de vulnerabilidade, buscam resistir a inúmeras desigualdades sociais.

Palavras-chave: testemunho; resistência; população de rua; preconceito; intolerância.

Abstract: The aim of this article is to present enunciative-discursive analyses of testimonies collected from homeless people in the city of Paris. To this end, the research is based on the theoretical-methodological framework of enunciative French discourse analysis (Maingueneau, 2005, 2006, 2008, 2015), circumscribed by the ideas developed by Greimasian semiotics (Barros, 2008; Fiorin, 2008, 2009; Greimas; Courtés, 2011) and studies on issues related to prejudice and intolerance in/through language (Barros, 2011; Tocaia, 2018, 2023). Methodologically, using the four levels proposed by 'global semantics' in relation to issues of 'discursive syntax and semantics', we considered the testimonies as discourses and sought to examine how the projections of enunciation occur in the enunciated, to define the framework of ideological values in which these discourses are inserted, to verify how some social imaginaries are reproduced in the testimonies and, in quick strokes, to deduce the actor of the enunciation (an *ethos*) of a minoritised social group considered to have no voice. The results make it possible to understand, in the texts analysed, the problems and difficulties of people who, in a situation of vulnerability, try to resist countless social inequalities.

Keywords: Testimony; Resistance; Homeless People; Prejudice; Intolerance.

Resumen: En este artículo, pretendemos presentar análisis lingüístico-discursivos de testimonios recogidos de personas sin hogar en la ciudad de Paris, desarrollados en el marco de un proyecto postdoctoral más amplio sobre el género del testimonio como discurso de resistencia en Brasil y Francia. Para ello, nos basamos en los conocimientos del marco teórico del análisis del dis-



¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

curso francés (2014; Maingueneau, 2005, 2006, 2008, 2015) circunnavegado por las ideas desarrolladas por la semiótica greimasiana (Barros, 2008; Fiorin, 2008, 2009; Greimas; Courtés, 2006), y estudios sobre cuestiones relacionadas con los prejuicios y la intolerancia en/por el lenguaje (Barros, 2011; Tocaia, 2018, 2023). Metodológicamente, en un enfoque cualitativo-interpretativo, a través de los cuatro planos propuestos por la "semántica global" asociados a cuestiones de "sintaxis y semántica discursivas", consideramos los testimonios como discursos y buscamos examinar cómo se producen las proyecciones de la enunciación en el enunciado, definir el marco de valores ideológicos en el que se insertan estos discursos, comprobar cómo se reproducen en los testimonios determinados imaginarios sociales para, a partir de ello, deducir el actor de la enunciación (un *ethos*) de un grupo minorizado considerado sin voz. Los resultados permiten ver en los textos analizados los problemas y dificultades de personas que, en situación de vulnerabilidad, intentan resistir a innumerables desigualdades sociales.

Palabras clave: testimonio; resistencia; personas sin hogar; prejuicios; intolerancia.

Considerações iniciais

Neste artigo, temos por objetivo apresentar análises linguístico-discursivas e enunciativas de testemunhos colhidos junto a pessoas em situação de rua² na cidade de Paris, desenvolvidas no quadro de um projeto de pós-doutorado sobre o gênero testemunho como contradiscurso de resistência no Brasil e na França. O objetivo mais amplo da pesquisa é, num primeiro momento, apreender e mapear as características e estratégias discursivas do gênero testemunho, considerado como contradiscurso, para, num segundo momento, discutir como o testemunho pode ser entendido como ato de resistência à invisibilidade social, à inaudibilidade, à exclusão, entre outros. Neste texto, buscaremos, especificamente, examinar como se dão as projeções da enunciação no enunciado, definir o quadro de valores ideológicos nos quais esses discursos se inserem, verificar como se reproduzem nos teste-

munhos alguns imaginários sociais e, em rápidas pinceladas, depreender o ator da enunciação (um *éthos*) de um grupo social minoritarizado considerado sem voz.

O gênero discursivo testemunho é considerado por pesquisadores uma das formas de indivíduos que fazem parte de grupos minorizados em situação de desigualdade social expressarem a resistência. Logo, o testemunho é cada vez mais adotado como instrumento de pesquisa entre os estudos sociológicos e os estudos da linguagem, em virtude do caráter "humano" que confere aos materiais analisados. O interesse pelas pessoas que pertencem a grupos sociais em situação extrema de pobreza e vulnerabilidade e pelas experiências vividas por esses grupos são marcas de pesquisadores que buscam observar a vida social e ter contato de maneira empírica e contemporânea com aquilo que podemos nomear de "documentos humanos".

Dentre os múltiplos indivíduos circunscritos a esses grupos em situação de vulnerabilidade, e sobretudo de resistência, que compõem o grande mosaico social de atores ditos sem voz, está o fragmento das pessoas em situação de rua³, não apenas no Brasil, mas também em outras nações, como a França, país que nos afeta diretamente tanto pelos nossos interesses de pesquisa quanto por nossa atuação profissional. Conforme dados governamentais brasileiros do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a população em situação de rua no Brasil cresceu 38% entre 2019 e 2022, momento em que atingiu 281.472 pessoas⁴. No que diz respeito à França, a fundação Abbé Pierre⁵ estima, a partir de dados coletados em fevereiro de 2023, 300 mil pessoas em situação de rua no país, das quais por volta

² Os procedimentos éticos franceses parecem ser diferentes dos brasileiros no que diz respeito à participação de humanos em pesquisas nas áreas das ciências humanas. Na França, cabe ao pesquisador respeitar os princípios éticos que estão formalizados em um documento intitulado *Règlement Général sur la Protection des Données*, disponível em: https://www.inshs.cnrs.fr/sites/institut_inshs/files/pdf/guide-rgpd_2.pdf. Acesso em: 6 abr. 2024. No entanto, como o projeto de pesquisa mais amplo envolve também a participação de pessoas em situação de rua no Brasil, o texto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, em 21 de março de 2024, e está vigente sob o número CAAE: 78406124.0.0000.5149.

³ Nesta pesquisa, optamos pela nomenclatura "pessoas em situação de rua" em vez de "morador de rua", por entendermos que esta remete a uma característica definitiva (na qual não acreditamos) e aquela é temporária e pode mudar, a depender de políticas públicas para emprego, moradia, saúde, entre outras.

⁴ Para acesso aos dados em sua integralidade, consultar: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13457-populacao-em-situacao-de-rua-supera-281-4-mil-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 7 abr. 2024.

⁵ Para acesso aos dados em sua integralidade, consultar: <https://www.aide-sociale.fr/approche-sociologique-et-statistique-des-personnes-sdf/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

de 3 mil pessoas apenas na cidade de Paris. Os altos índices dessa população em situação de rua revelam a necessidade cada vez mais latente de se escutar o que têm a dizer esses atores sociais que, em situação de adversidade, caracterizam-se por terem sua voz, na maioria das vezes, negligenciada, inferiorizada ou (auto) censurada, de forma a sofrer fatores que engendram o aparecimento ou a cristalização de preconceitos e intolerâncias, carecendo, assim, de inserção no bojo da sociedade.

Este texto inscreve-se, dessa forma, neste quadro social e discursivo complexo, e organiza-se em cinco partes além desta introdução: primeiramente, apresentaremos algumas reflexões a respeito do gênero testemunho para, em seguida, associarmos este gênero a questões relativas à resistência; posteriormente, faremos uma breve apresentação de alguns conceitos teóricos que orientaram a etapa seguinte das análises; por fim, seguem as considerações finais.

1 Algumas impressões sobre o gênero testemunho

A noção de testemunho é um tanto problemática quando abordada no quadro das ciências humanas, em virtude da flutuação terminológica que assola o gênero. Relato de si, relato de vida, narrativa de si, narrativa de vida, biografia, autobiografia, modo testemunho, teor testemunhal são algumas das inúmeras expressões que mesclam gêneros do discurso já consagrados com mecanismos linguísticos, como atos de linguagem, regimes de crença, tipos de argumentos, modos de enunciação, modos de discurso e tipos de discursos, em uma nítida dificuldade de definir uma epistemologia do termo. Nunca o advérbio “relativamente” – sabiamente modalizado na definição de Bakhtin (2006, p. 262) para os gêneros do discurso: “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” – fez tanto sentido. Nesta pesquisa, deixaremos de lado as controvérsias e assumiremos, como ponto de partida, inspirados pelas discussões de Wieviorka (2013), embora

essa não seja nossa questão principal, o testemunho como um gênero discursivo.

Consideraremos o testemunho como um gênero presente em variadas esferas sociais, tais quais a jurídica, a literária, a artística, a filosófica, a jornalística, entre outras, que demanda o que Bakhtin (2006) nomeia de “compreensão responsiva ativa”, visto que é obrigatório que para ele haja imperativamente uma atividade de escuta. Isso faz do testemunho um gênero discursivo que se orienta tanto em relação ao que é testemunhado quanto a um certo tipo de destinatário, como discutiremos mais adiante. Normalmente, os textos pertencentes ao gênero testemunho “se dão em torno de uma situação prototípica: alguém conta alguma coisa que viu ou viveu”⁶, como afirma Velcic-Canivez (2006, p. 01). A testemunha legitima o que diz pela sua própria experiência pessoal: ele/ela fala ou é convidado(a) a falar porque participou de algum acontecimento passado e porque o interpretou com suas próprias palavras. A ele/ela atribui-se, portanto, uma responsabilidade por aquilo que se diz e pelo que efetivamente aconteceu. O testemunho se distancia, dessa forma, da ficção.

No que diz respeito diretamente aos elementos do gênero, no sentido bakhtiniano do termo (*cf.* Bakhtin, 2006), podemos afirmar que o conteúdo temático do testemunho, isto é, não o assunto específico de um testemunho em questão, mas o domínio de sentido do qual o gênero se ocupa, é, normalmente, composto de acontecimentos ou experiências que saem do comum, que podem chocar e até mesmo traumatizar. Trata-se, assim, de experiências de violência, de genocídio, de violações dos direitos humanos, entre outras.

A estrutura composicional do gênero, relativamente estável e bastante fluida, a depender de quem conta e do que conta, constrói-se por meio de experiências que organizam os acontecimentos de modo a formar um todo de sentido (que é a história, ou a ação descrita), a partir de, ao menos, três fases bastante delimitadas: início (situação inicial), meio (transformação) e fim (si-

⁶ Tradução livre de “*Les récits de témoignages se constituent autour d'une situation-type: quelqu'un raconte quelque chose qu'il a vu ou vécu*”.

tuação final). Em um incompleto mapeamento didático da estrutura do gênero, a partir da análise de alguns testemunhos, percebemos que os textos do gênero apresentam, em seu início, um estado equilibrado, alterado por uma tensão, que, por sua vez, desencadeia uma sucessão de acontecimentos até que, em seu final, um novo estado de equilíbrio venha a se restabelecer. Talvez, as fases prototípicas da narrativa propostas por Labov e Waietzy (1997) – a fase de situação inicial, a fase de complicação, a fase de ações, a fase de resolução e a fase de situação final – sejam outro meio de se observar mais detidamente a estrutura composicional do gênero, o que não faremos neste estudo. Completa as observações internas do gênero testemunho o ato estilístico, entendido como a seleção de ferramentas linguísticas (lexicais, fraseológicas, gramaticais) que é construída tanto em função da imagem que o sujeito que testemunha constrói do seu interlocutor quanto de como presume a compreensão responsiva ativa de seu enunciado, descrita anteriormente.

Dentre as muitas características linguísticas próprias ao gênero, parece haver, na maior parte dos testemunhos, uma alternância de tempos verbais pretéritos que buscam dar corpo a vozes do passado e do presente, na maior parte das vezes de maneira embreada (cf. Fiorin, 2008; Greimas; Courtés, 2006), responsável pela construção de um tempo-espaço e dos próprios sujeitos que aí se descrevem e/ou se descreveram. Esse plano embreado desvela um enunciado povoado de um passado que ainda ressoa e persiste de forma nefasta no presente da testemunha. Associam-se a essa vertigem temporal os pronomes pessoais do caso reto (eu, ele, ele coletivo, nós, nós coletivo, etc.), o uso de determinadas pessoas por outras em processos bastante claros de embreagem actancial, os pronomes demonstrativos, entre outros recursos linguísticos que ajudam a construir um estilo discursivo que busca criar um efeito de sentido de realidade e de uma certa verdade daquilo que foi vivido e está sendo relatado.

Voltando à atividade de escuta ativa implicada

obrigatoriamente pelo gênero, julgamos que testemunhar não seja apenas falar, contar uma história, mas também fazer com que o outro esteja implicado a ponto de legitimar aquilo que lhe é relatado. Se não há enunciação sem alteridade, também não há testemunho sem o outro. Uma relação de intersubjetividade entre aquele que fala e aquele que escuta é, portanto, uma das marcas essenciais do gênero. No entanto, para alguns autores (cf. Abrams, 2010), essa relação extrapola esse binômio e seria até mesmo um erro entender a subjetividade de um testemunho como uma relação entre duas pessoas que entram em comunicação durante o ato. Para Abrams (2010), há um terceiro ator que, embora invisível, é omnipresente e deve ser levado em conta na equação: o conhecimento da memória de uma época e o discurso público em relação aos fatos evocados, ou seja, o "circuito-cultural", como define Abrams (2010, p. 59). Interpretada desta forma, a intersubjetividade do testemunho implicaria uma conversa em triângulo, que pode ser descrita da seguinte forma: uma conversa interna do sujeito entrevistado consigo próprio, uma conversa do sujeito com o seu entrevistador e uma conversa dos dois com o contexto público, cultural, social e político (cf. Abrams, 2010, p. 54).

Completam as ideias de Abrams (2010) as palavras de Mariani (2021, p. 41), que, embora não entenda o testemunho como um gênero discursivo como prevemos neste estudo, afirma que "no relato de si (no testemunho) está também o relato da historicidade da produção de sentidos em uma formação social, com seus desajustes, contradições e rupturas com o laço social". Assim, o gênero testemunho baseia-se em memórias de um indivíduo que busca contar experiências vividas ou vistas por ele-mesmo ao longo de sua vida, ou, ainda, "os dizeres que se configuram como necessários e emergenciais, urgentes para sujeitos afetados em suas vidas por uma violência imposta", tomando para nós as palavras de Mariani (2021, p. 20).

A memória, no caso deste gênero específico, não deve ser compreendida como memória individual, fisiológica e psicológica, mas como

memória discursiva, ou seja, uma memória que supõe o enunciado inscrito na história. Diferentemente de uma memória-arquivo, ilusória de uma completude do lembrar, a memória discursiva não é sem furos do esquecimento. Um testemunho, mesmo que seja muito bem construído, nunca apresentará, em sua narração, a totalidade de uma realidade vivida. Segundo Velcic-Canivez (2006, p. 03), "a ausência de uma visão global ou completa é sempre interpretada como uma falta de objetividade, como a principal 'fraqueza do gênero'"⁷. A memória testemunhal é, portanto, cheia de lapsos, visto que somos constituídos por esquecimentos fundamentais, ditos recalcados. Não há, portanto, uma visão comum para os fatos, mas percepções distintas durante e após os acontecimentos.

Essa construção narrativa (o testemunho em si) nunca é, contudo, totalmente fidedigna, no sentido de se reproduzirem as experiências iniciais exatamente como elas aconteceram. Ao contrário, todo testemunho contém sempre traços de interpretação das experiências vividas. Ao se trabalhar com relatos de violência, acontecimentos extremos, genocídios e outras histórias que provoquem ou marquem algum rompimento social ou pessoal, as interpretações dos "sobreviventes" que querem falar, serem ouvidos e divulgarem o que dizem dependem consideravelmente tanto da natureza das experiências vividas quanto da maneira como serão relatadas, com traços marcados de subjetividade. Para Amossy (2004, p. 01), "o discurso testemunhal se baseia, aparentemente, em um paradoxo: por um lado, ele está centrado no sujeito falante - na autoridade da pessoa que pode dizer: 'eu estava lá'; por outro lado, ele busca, quase sempre, a isenção da subjetividade"⁸. Ao encontro dessas ideias, estabelece-se também a posição de Mariani (2021, p. 49), que afirma: "testemunho supõe uma implicação subjetiva no que está narrando [...] há, portanto, sujeito inscrito no testemunho, há enunciação, nos termos da psicanálise, naquilo

que se narra".

Ainda em Amossy (2004), o testemunho ideal seria aquele em que o discurso do sujeito que testemunha fosse assepsado de subjetividade, uma narração factual que despertaria no auditório um julgamento sem que a testemunha tivesse a necessidade de tomar partido. No entanto, sabemos que isso é impossível, já que, após Benveniste (1991), a linguagem passa a ser considerada o lugar por excelência da constituição da subjetividade e o sujeito ocupa um espaço privilegiado nas relações que atualizam a linguagem e possibilitam, assim, a comunicação. Além disso, a autenticidade de um testemunho se dá justamente pela presença de uma "testemunha ocular", que tenha pessoalmente vivido ou visto o que narra, de forma que qualquer insinceridade seja essencialmente afastada.

Isso posto, passemos à problemática da resistência (e de seu discurso) das pessoas em situação de rua associada a algumas dimensões discursivas do gênero testemunho.

2 Testemunho e contradiscurso de resistência

Nesta seção, buscaremos associar a questão discutida anteriormente sobre o gênero testemunho ao conceito de resistência, clássico do pensamento político, mas que será discutido neste trabalho em relação ao grupo social das pessoas em situação de rua, considerado, em nossas sociedades, como invisíveis, em constante combate de emancipação, de luta por justiça social, de denúncia de violências de todas as sortes, enfim, em permanente processo de resistência, visto que devem constantemente se justificar em todas as circunstâncias.

A questão da resistência está normalmente associada à questão do poder, como assevera Foucault (2007, p. 91): "que lá por onde há poder, há resistência [...] esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder".

⁷ Tradução livre de "Cette absence de vision globale ou complète est souvent interprétée comme un manque d'objectivité, comme la principale 'faiblesse du genre'".

⁸ Tradução livre de "Le discours testimonial repose, en apparence du moins, sur un paradoxe: d'une part, il est entièrement fondé sur le sujet parlant - sur l'autorité de celui qui peut dire: 'j'y étais'; d'autre part, il se veut autant que possible exempt de subjectivité".

Parece-nos claro afirmar então que, se não existe apenas um tipo de poder, muitos poderes dão vazão a uma multiplicidade de resistências. Observando mais detidamente nosso quadro de pesquisa, do ponto de vista do combate diário de pessoas em situação de rua, podemos dizer que tal grupo social é confrontado a um conjunto de poderes em sua vida, em diferentes quadros institucionais do Estado: trabalho social e administração pública, polícia, tribunais, instituições médicas e psicológicas, para citar apenas algumas. Seguindo a lógica expressa anteriormente, todos esses poderes fazem irromper resistências. As formas de violência do Estado e os testemunhos colhidos sobre os efeitos dessa violência ajudam a refletir sobre a construção de relações assimétricas de exercício do poder, sua imposição e a exclusão das diferenças.

Se a resistência é irredutível interlocutora da noção de poder, não devemos supor, entretanto, que essa resistência se dê em relação ao poder em geral, mas, principalmente, ao poder como dominação (o poder dominador). O poder toma, a nosso ver, uma forma de dominação quando se debruça sobre o outro de forma a ir contra os seus interesses. Em perspectiva histórica, podemos citar três figuras do poder que engendram a dominação de grupos menos visíveis e mais suscetíveis a políticas de silenciamento: o impedimento de ser quem essas pessoas efetivamente gostariam de ser; o apoio em ideias falsas e preconceitos que circulam na sociedade a respeito das pessoas em situação de rua; o desconhecimento de que essas pessoas também podem ser inteligentes e que podemos no dirigir a esta inteligência quando necessário. Nesse sentido, podemos afirmar que os invisíveis são falados por lugares de poder, lugares ocupados por autoridades que disseminam os valores ideológicos de grupos sociais aos quais pertencem. Dessa forma, essas pessoas são vistas como perigosas, imprevisíveis, pouco confiáveis, etc. A população em situação de rua é um dos muitos grupos sociais considerado como aquele que distorce e rompe alguns contratos sociais (de beleza, de harmonia, de higiene, de segurança,

de branqueamento da sociedade, etc.) sendo, portanto, composto de maus cidadãos, maus atores sociais – *mendigos sujos, ladrões, bandidos, drogados, vagabundos, loucos* –, que devem ser punidos com a internação compulsória, com a prisão e, se preciso for, com a morte, sendo queimados vivos, assassinados, envenenados (cf. Tocaia, 2018, 2023).

A resistência ao poder pode se manifestar de muitas maneiras, mas principalmente: pela fala e pelas ações; pelo respeito ou pela transgressão de certas regras da sociedade; pela resistência manifesta no espaço público ou pela resistência clandestina (cf. Jomini *et al.*, 2023). Contudo, todos os atos de resistência, que sejam transgressivos ou não, de resistência manifesta ou clandestina, são acompanhados de palavras e de falas. "Falar e testemunhar são formas de movimentar os sentidos, formas de fazer resistência ao esquecimento", para utilizar as palavras de Mariani (2021, p. 108). Logo, quando se trata de resistir ao poder que busca, a todo momento, descrever como determinados grupos vivem, de refletir e de decidir em seus lugares, de ocupar seus espaços de fala, tomar a palavra é um ato por si só de resistência.

Nesse sentido, julgamos que testemunhar pode ser considerado um ato de resistência diante do apagamento. Resistir ao que se pode esquecer. Resistir com palavras ditas e inscritas em um outro lugar discursivo, por certo, porém na tentativa de esculpir discursivamente o acontecimento em uma memória comum à sociedade. Completa Mariani (2021, p. 108): "resistência e testemunho, em sua relação com o memorável, é falar outra vez, e outra vez mais, para não deixar cair no esquecimento, para produzir ressignificação no social, para tentar dizer melhor, para o sujeito de deparar com suas próprias questões indizíveis [...]". Testemunhar, neste sentido, é (re) afirmar o poder que tem a linguagem sobre as ideologias mortíferas, assassinas e destrutivas que causam a intolerância, o preconceito, o ódio, a segregação; é dar voz ao "sem voz", ao "invisível", ao "inaudível", ao "vulto", na tentativa de construção social e na discursivização de um

problema público.

Passemos, a seguir, aos conceitos teóricos que organizam nossas análises, sem antes deixar de refletir sobre as palavras de Brait (2019, p. 248) a respeito da questão: "enunciar significa enunciar-se no e pelo discurso que, nesse caso, embora fincado em raízes individuais, se oferece como metonímia de memórias, dores e perdas de outros *eus* disseminados no coletivo".

3 A análise do discurso e a semiótica greimasiana: alguns pontos de convergência

Nesta pesquisa, optamos pela articulação entre dois quadros teóricos de grande envergadura para o empreendimento de nossas análises: a análise do discurso francesa de base enunciativa (Maingueneau, 2005, 2006, 2008, 2015) e a semiótica greimasiana (Barros, 2008; Fiorin, 2008, 2009; Greimas; Courtés, 2006), igualmente considerada uma teoria discursiva/enunciativa. Embora a semiótica greimasiana desenvolva um quadro-teórico metodológico próprio e bem definido, a análise do discurso francesa não apresenta ao pesquisador um dispositivo de análise consumado, como explicam as palavras de Orlandi (2015, p. 27): "cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões". Ao contrário, é necessário uma "escuta" atenta do *corpus* para que se mobilizem, nas análises, os conceitos mais proveitosos e se construa o dispositivo de análise. Dessa forma, para a análise dos testemunhos colhidos nesta pesquisa junto às pessoas em situação de rua, lançaremos mão de categorias linguístico-discursivas e enunciativas selecionadas no âmbito do que Maingueneau (2008) intitula "semântica global", como explicaremos a seguir.

O conceito de semântica global foi formulado pelo autor para analisar dois discursos religiosos antagônicos na França do século XVII: o humanismo devoto, que visava a resgatar os valores da Antiguidade Clássica e era fruto do Renascimento; e o jansenismo, seu principal opositor e adepto

ao protestantismo. Embora o conceito tenha sido pensado para análises no campo discursivo religioso, consideramos que as categorias elencadas podem se mostrar bastante produtivas para análises de outros discursos, em diferentes campos discursivos, e que mantenham entre si não apenas a relação polêmica de sua gênese, mas também relações de complementaridade, de neutralidade, de simetria, entre outras.

De acordo com Maingueneau (2008), a semântica global apresenta sete planos, que foram organizados de maneira arbitrária e podem, portanto, ser isolados ou desdobrados de forma distinta daquela prevista inicialmente. São eles: a intertextualidade; o vocabulário; os temas; a dêixis enunciativa; o estatuto do enunciador e do destinatário; o modo de enunciação; o modo de coesão. Dada a maleabilidade do conceito e a autonomia conferida pelo autor ao analista, optaremos, nesta pesquisa, por quatro desses planos, quais sejam: o vocabulário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e os temas. Quando necessário, expandiremos os planos e os associaremos a conceitos desenvolvidos no quadro da teoria semiótica igualmente adotada, de forma a ampliar as percepções discursivas dos testemunhos analisados, sem, contudo, descaracterizar a proposta inicial.

O primeiro plano que descreveremos é o vocabulário. De acordo com Maingueneau (2008), não se deve falar de vocabulário deste ou daquele discurso, como se cada discurso possuísse um léxico próprio, o que vai ao encontro das formulações de Bakhtin (2008, p. 308), para quem "[...] a palavra possui completitude em sua significação, completitude na sua forma gramatical, mas a completitude de sua significação é de natureza abstrata. [...] enquanto unidade da língua, a palavra não tem autor (não é de ninguém)". Assim, cada palavra pode construir tanto uma rede semântica semelhante pelos diversos discursos que as veiculam quanto uma rede semântica completamente distinta – às vezes, até mesmo contraditória – das mesmas unidades lexicais, o que o leva a ponderar que "a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente",

tomando para nós as palavras de Maingueneau (2008, p. 83). Daí a importância de se observar, nos diferentes discursos, como as palavras se atraem ou se repelem, como constroem em torno de si diferentes redes de sentido de acordo com as formações discursivas em que estejam inseridas.

O segundo plano, a dêixis enunciativa, é considerado pelo autor apenas em relação às categorias de tempo e espaço: "o ato de enunciação supõe a instauração de uma dêixis espaciotemporal que cada discurso constrói em função do seu próprio universo" (Maingueneau, 2008, p. 88). Para o autor, não se trata dos locais e das datas empíricas, concretos e reais, em que foram produzidos os enunciados, mas do espaço-tempo no interior do qual o discurso fora produzido, delimitado por uma *cena* e por uma *cronologia* que o discurso constrói para autorizar sua enunciação (cf. Maingueneau, 2008). Neste plano, integraremos ao conceito de dêixis enunciativa proposto por Maingueneau (2008) a categoria de pessoa, tal qual previsto pela teoria semiótica. Julgamos que, em nossa pesquisa, a categoria de pessoa é importante para mostrar como as pessoas em situação de rua se projetam diretamente em seus discursos (testemunhos), e que possíveis efeitos de sentido isso pode causar ao leitor/ouvinte, sobretudo no que diz respeito à resistência.

O terceiro plano que integra nosso dispositivo de análise é o modo de enunciação. Para Maingueneau (2008), um discurso não se relaciona apenas à dêixis, mas também a uma "maneira de dizer" específica, denominada modo de enunciação. Os discursos, segundo o autor, possuem um "tom de voz" (um ponto de vista de tristeza, de indignação, de raiva, etc.) que implicam, por sua vez, um "caráter" (disposições psicológicas) e uma "corporalidade" (maneira do enunciador se comportar), elementos associados ao enunciador discursivo do texto (mas não ao enunciador de "carne e osso"). Aproximam-se suas considerações daquilo que se comumente denomina em semiótica discursiva greimasiana e em estudos da retórica de *éthos*, ou seja, a imagem discursiva do enunciador do texto, efeito do discurso em perspectiva aristotélica. Para Maingueneau

(2005), essa imagem se ancora em estereótipos, em representações coletivas que são constantemente avaliadas positiva ou negativamente, e que a própria enunciação contribui para reforçar ou modificar.

Os temas constituem o último plano da semântica global de que trataremos nesta pesquisa. Para Maingueneau (2008, p. 81), considerando a delicadeza da noção teórica e em uma perspectiva bastante ampla, o tema seria "aquilo de que um discurso trata, em qualquer nível que seja". Para o autor, não é interessante estabelecer um estudo dos temas de forma isolada ou hierárquica, visto que o importante não é o tema em si, mas o tratamento semântico que recebe, ou seja, as relações que mantém com outros temas no âmbito do discurso em que se insere.

Os temas constituem o principal ponto de convergência entre os dois quadros teóricos escolhidos para a realização desta pesquisa. Como adiantado, complementaremos e buscaremos enriquecer esta noção (e também as demais arroladas) a partir das propostas desenvolvidas no âmbito da semiótica greimasiana ou discursiva, quadro teórico-metodológico que circunvizinha as categorias de análise produzidas no âmbito da análise do discurso descritas até o momento.

Concebida em linhas gerais como uma "teoria da significação", a semiótica greimasiana (Bertrand, 2003; Greimas, 1973; Greimas; Courtés, 2006) e seus desdobramentos no Brasil (Barros, 2008; Fiorin, 2008, 2009) tratam da explicitação das condições de apreensão e de produção de sentido. Nessa vertente teórica, o sentido não se dá como um algo pronto e acabado, inferido claramente pelo analista ou pelo leitor, mas é incompleto e imbricado nas tramas do discurso, "um parecer de sentido" assumindo o dizer de Bertrand (2003, p. 11). Descreve-se e explica-se "o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz", como afirma Barros (2008, p. 12).

A semiótica greimasiana organiza seu percurso metodológico de análise de textos e discursos a partir de um percurso gerativo de sentido, composto de três patamares, cada qual com uma sintaxe e uma semântica que lhes são próprias:

um nível fundamental, que se define pelo momento em que a significação se dá como uma oposição semântica mínima; um nível narrativo, que organiza a narrativa do ponto de vista de um sujeito; um nível discursivo, em que a etapa narrativa anterior é assumida pelo sujeito da enunciação. Dados os limites deste artigo, trataremos apenas do nível discursivo proposto pelo percurso gerativo de sentido, em especial de sua semântica, que depende muito mais diretamente dos fatores sociais e se mostra por excelência o nível de manifestação da ideologia.

No âmbito da semântica discursiva, os percursos narrativos que organizam a narrativa do nível intermediário do percurso gerativo são convertidos em percursos temáticos com possível revestimento figurativo posterior. Dessa forma, os esquemas narrativos abstratos podem ser revestidos com temas para, posteriormente, serem concretizados ainda mais por meio da cobertura desses temas por figuras. Tematização e figurativização são, assim, dois níveis de concretização de sentido. Para a teoria semiótica, todos os textos tematizam o nível narrativo e esse nível temático poderá ou não ser figurativizado posteriormente. Por tema, a semiótica discursiva entende um investimento semântico, puramente conceptual, que não diz respeito ao mundo natural. Segundo Fiorin (2009, p. 91), "temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc.". Temas são abstratos e figuras são concretas. A figura remete a algo existente no mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. Assim, "a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural", como explica Fiorin (2009, p. 91).

Além da questão linguística, a tematização e a figurativização do discurso por parte do sujeito da enunciação podem ser vistas como estratégias de persuasão no discurso. Além de manifestar os valores caros à enunciação, o nível semântico dos temas e das figuras é o lugar privilegiado

para a manifestação da ideologia, ou seja, temas e figuras assinalam também determinações sócio-históricas e ideológicas, visto que trazem ao discurso o modo de ver e pensar o mundo de classes, de grupos e de camadas sociais (cf. Fiorin, 2009). Dessa maneira, os temas apresentam-se como conceitos que operacionalizam um recorte da realidade, sempre sob a interpretação de um sujeito submetido às ideias de uma determinada formação social.

No âmbito da sintaxe discursiva, examinam-se as projeções da enunciação no enunciado das categorias de pessoa, de espaço e de tempo por meio dos mecanismos de debreagem (enunciativa ou enunciva) e de embreagem (enunciativa ou enunciva). Por debreagem entende-se a operação em que a instância de enunciação disjunge de si e projeta para fora de si, no momento da discursivização, certos termos ligados à sua estrutura de base com vistas à constituição dos elementos fundadores do enunciado, isto é, pessoa, espaço e tempo (cf. Greimas; Courtés, 2006). Já por embreagem entende-se o efeito de retorno à enunciação (cf. Fiorin, 2008), produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado.

Apresentados os principais aspectos teóricos que nortearão nossas análises, passemos ao exame minucioso, a partir das categorias elencadas, de alguns excertos dos testemunhos que compõem nosso *corpus*.

4 Examinando alguns testemunhos

Nesta seção, apresentaremos um olhar analítico ao conjunto de testemunhos de que dispomos nesta pesquisa. Nosso objetivo é considerar o testemunho como um objeto discursivo (um discurso) e, por meio de alguns fragmentos, observar como se dão as projeções da enunciação no enunciado, como é definido o quadro de valores ideológicos nos quais esses discursos se inserem de forma a entender como se reproduzem nos testemunhos alguns imaginários sociais e, por fim, depreender o ator da enunciação (um *éthos*) das pessoas em situação de rua na cidade de

Paris, normalmente excluídas e em constante movimento de resistência.

Nossos testemunhos foram colhidos a partir de um trabalho social desenvolvido junto à população de rua das regiões leste e oeste da cidade de Paris pela *Association Aurore*⁹, cujos trabalhos sociais tiveram início no ano de 1871. Essa Associação visa a acolher e a acompanhar pessoas em situação de precariedade ou de exclusão social, no sentido de ajudá-las a obter um alojamento social, a refazer seus documentos pessoais perdidos ao longo de um período de errância, a tentar realocá-los no mercado de trabalho, e muitas outras atividades que ajudem a pessoa em situação de rua a se reinserir socialmente.

Acompanhamos, duas vezes por semana, durante os meses de fevereiro, março e abril de 2024, uma junta da Associação, composta por duas assistentes sociais, uma psicóloga e um responsável pela equipe da região leste, em trabalhos sociais pelas ruas de Paris. Esse trabalho não tinha por objetivo a distribuição de alimentos a pessoas em situação de rua, mas se caracterizava, sobretudo, por momentos íntimos de conversa, na própria rua, às vezes em praças, no sentido de um acompanhamento social global a respeito de múltiplas questões, das mais simples (como achar um lugar para se banharem para poderem acompanhar a equipe ao cinema, por exemplo) às mais complexas (como encontrar um alojamento social ou um trabalho) que afetam a população de rua. Fomos, então, apresentados pela equipe da Associação aos assistidos e pudemos, no decorrer de três meses, conhecer um pouco mais de perto a realidade de sete homens e uma mulher que vivenciam diariamente a situação de rua.

Após a explicação do projeto, a assinatura de um termo de direito de captação de voz e de um formulário de consentimento de participação na pesquisa, conforme preconizam as leis éticas francesas e já explicado nas considerações iniciais deste texto, entrevistamos e gravamos os depoimentos dessas oito pessoas que deram ori-

gem a esta pesquisa. Todas as entrevistas foram, em seguida, transcritas na íntegra, a partir das gravações efetuadas. No entanto, como nosso objetivo aqui é analisar o plano do conteúdo dos testemunhos, buscamos, com base na proposta de Lara (2023), uma retextualização da oralidade para a escrita da maneira mais fiel possível, reconhecendo que, na transcrição da voz falada, perde-se a espontaneidade da voz viva e falada. Buscamos, contudo, manter as ideias principais de cada testemunho, de modo a permitir a análise que propomos a partir das questões do roteiro de entrevista. Dentre as principais decisões metodológicas, optamos pela anonimização dos nomes dos entrevistados (eles serão referenciados, nesta pesquisa, pela sigla E – entrevistado –, acompanhada de um número – 1, 2, 3... –, para que se possa distingui-los), descartamos os seus registros, como informado no documento ético por eles assinado, e, quando foi o caso, editamos minimamente alguns trechos de suas falas de forma a deixar a leitura mais fluida. Como as entrevistas foram dadas em francês, traduzimos suas falas e mostramos, em notas de rodapé, os excertos originais.

No que diz respeito aos testemunhos colhidos, todos os entrevistados em situação de rua receberam uma pergunta inicial (que se descrevessem inicialmente e que extraíssem daquilo que viveram os elementos que eles julgavam que haviam colaborado para sua situação atual de pessoa em situação de rua). A partir dessa pergunta inicial, outras foram formuladas no sentido de desenvolver de maneira mais adequada o que se relatava ou de compreender outras nuances de sentido que não haviam se mostrado claras o suficiente para a boa compreensão da resposta. Antes de passar às análises, gostaríamos de deixar claro que entendemos que os testemunhos a nós prestados dizem muito de como cada pessoa percebe e decide narrar sua própria história. São, portanto, histórias que produzem sentidos a partir de valores próprios, sentido de moral, características de inserção social, relações de

⁹ Para conhecer os trabalhos sociais efetuados pela *Association Aurore*, acessar: <https://aurore.asso.fr>. Acesso em: 10 abr. 2024.

poder, entre outras. Isso para dizer que, consoante ao quadro teórico semiótico que adotamos para nossas análises, não nos interessamos pela "verdade pura", fora do discurso, mas antes pela veridicção (cf. Greimas, 2014), pelo dizer verdadeiro, ou, mais precisamente, pelos efeitos de sentido de verdade criados pelos sujeitos ao narrarem sua própria história.

Mediante o exposto, passemos às análises de acordo com nossos objetivos. Verificaremos, primeiramente, na observação da dêixis discursiva, como se deram, linguisticamente, as projeções da enunciação no enunciado, para observar, em seguida, seus efeitos discursivos. Para isso, observaremos, semioticamente, como os mecanismos de debreagem e de embreagem (cf. Fiorin, 2008, 2009) relativos à categoria de pessoa se deram no interior de alguns dos enunciados dos testemunhos colhidos. As categorias de tempo e de espaço serão elucidadas pelo mecanismo da semântica global.

- (1) [E1] Eu, eu tive um acidente de trabalho que não foi reconhecido. Na verdade, que foi reconhecido pelo empregador, mas não pelo sistema de Segurança Social. E, infelizmente, isso me pôs em dificuldade durante três meses, durante o tempo de estudo do meu dossiê. E eu, pouco a pouco, contraí uma dívida e eu perdi meu apartamento, eu fui expulso¹⁰.
- (2) [E2] Porque eu nasci na rua, em uma caravana. Os apartamentos não são para mim. Eu não gosto dos vizinhos. Eu não gosto muito das pessoas. E se você está em um apartamento, é muito chato. Muito contato¹¹.
- (3) [E3] Então a situação que me levou a estar aqui é que fui enganada. Eu estava alugando uma casa, mas o proprietário não era o dono e o dono verdadeiro me expulsou¹².

Como em todos os testemunhos prestados, o que parece ser uma das características linguísticas do gênero, a enunciação opera, principalmente, pelo mecanismo de debreagem enunciativa (enunciação enunciada) e projeta no texto a categoria de pessoa (eu) de maneira marcada, o que contribui à construção de efeitos de sentido de confiança, de cumplicidade, aumentando o grau emocional entre os indivíduos que interagem, numa explosão de subjetividade. O recurso do texto enunciativo (o uso da 1ª pessoa) ajuda a desvendar, nos testemunhos analisados, também uma aproximação sensorial e estésica entre a testemunha que conta e o ouvinte, como se aquele que ouve pudesse colocar-se no lugar daquele que fala. Esses usos, que instituem a relação *eu vs. tu*, caracterizam tipos de relações informais, íntimas, que se aproximam de modos de falar espontâneos da conversação face a face ideal, estabelecendo uma simetria de relações. O testemunho parece ser um gênero em que esse efeito de sentido de aproximação da enunciação (re)cria no texto as relações dialógicas entre sujeitos, num simulacro da enunciação, sempre presuposta ao enunciado. Naturalmente, esse não é o único mecanismo de projeção da enunciação observável no gênero, uma vez que encontramos também o mecanismo da debreagem enunciativa (enunciado enunciado), por meio da projeção de uma não pessoa (ele), um tempo (não agora = então) e um espaço (não aqui = lá), mas ele é menos relevante ao gênero em questão e, por isso, não será abordado.

Poderíamos elencar outros usos da categoria de pessoa encontrados nos testemunhos analisados, mas passaremos ao exame da dêixis enunciativa como propõe Maingueneau (2008) em sua semântica global, ou seja, observando as questões relativas ao tempo e ao espaço. Como discutido, a dêixis, no universo discursivo, não deve ser compreendida como o tempo e o lugar

¹⁰ Tradução livre de "J'ai j'ai eu un accident de travail qui n'a pas été reconnu. En fait, qui a été reconnu par l'employeur, mais pas par la Sécu. Et malheureusement, ça m'a mis en difficulté pendant trois mois, le temps de l'étude du dossier. Et j'ai petit à petit emmagasiné une dette et j'ai perdu mon logement, j'ai été expulsé".

¹¹ Tradução livre de "Parce que je suis né dans la rue en caravane. Les appartements, c'est pas pour moi. Je n'aime pas les voisins j'aime pas tout le monde et si tu es dans un appartement c'est trop chiant. Trop de contact".

¹² Tradução livre de "Alors la situation qui m'a conduite à être ici c'est que je me suis fait escroquer. Je louais une maison et c'était pas le bon propriétaire et le vrai propriétaire m'a mis dehors".

físicos e empíricos em que foram produzidos os enunciados, mas antes como um contexto socio subjetivo, ou seja, o local social e temporal que o discurso constrói em sua enunciação. Vejamos os exemplos.

- (4) [E1] Fui expulso. Não criei caso. Peguei minhas coisas, fui embora, tive que desocupar o apartamento para o proprietário com quem eu estava, só isso. O que eu poderia fazer?¹³
- (5) [E3] Muitas vezes, via pessoas sendo atacadas e me envolvia para pedir que parassem e se acalmassem. Eu também me envolvi em várias brigas. Já me machuquei muito. Não quero mais isso para mim. A rua é violenta¹⁴.
- (6) [E4] Ele me agrediu. Eu corri muito, muito rápido. E nunca mais dormi lá. Nesta época era um pouco difícil a vida. Para mim, era um mundo um pouco diferente. Não é fácil viver de forma marginalizada¹⁵.
- (7) [E7] Não podemos nos banhar, não podemos escovar os dentes. Não podemos nos exercitar. Se não conseguimos dormir, não conseguimos trabalhar. Portanto, não posso oferecer minhas qualidades a uma empresa se não for capaz de ser de alta qualidade¹⁶.

No caso dos trechos dos testemunhos destacados, o tempo relatado é investido de qualificações abstratas, e a rua remete ao tempo da dor, do sofrimento, da resiliência, da dificuldade, da violência. Testemunhos de sujeitos em situação de rua, sobretudo aqueles de resistência, consistem em histórias normalmente marcadas por acontecimentos bastante violentos que os silenciam. A resistência está, justamente, no não esquecimento da violência sofrida, e é justamente esse não esquecer (ou esse redizer) que possibilita que outros sentidos possam se inscrever a

partir de então, como afirma o E3: "não quero mais isso para mim". Testemunhar não é apenas repetir histórias. Recontar a violência pode significar, a essas pessoas em situação de vulnerabilidade e em constante luta social, uma outra possibilidade de significar o fato: falar da violência é não permitir que ela caia no esquecimento, ou, como afirma Mariani (2021, p. 102), "é formular sentidos possíveis de serem ditos, ou seja, é construir com palavras um *memoriável*, significância possível para esse algo experienciado pelo sujeito".

Além disso, a resistência das pessoas em situação de rua se dá igualmente a situações de abandono, de promiscuidade e de deflagração moral. Se tais pessoas não podem ocupar os espaços de poder, elas resistem, pelo menos, por meio de sua presença física no espaço físico. Na verdade, para as pessoas em situação de rua, o tempo mistura-se com o espaço: um espaço externo, urbano, espaço da insegurança, em contraposição a um espaço e território interno, seguro, o da casa. Espaço em que grassa a periculosidade: a população de rua faz do espaço público seu espaço privado, deve executar em público o que executaria no privado (faz sua higiene em público, vai ao banheiro em público, dorme em público, descansa em público, e assim por diante). Se pode se configurar, ainda assim, um espaço de liberdade, a rua define-se muito mais por um espaço de dor, de luta, de falta de solidariedade, de exclusão, que impõe a seus necessitados inúmeras resistências, tanto físicas quanto morais. Entre tantos transeuntes em um ir e vir contante, a rua é, para a população de rua, um espaço de vulnerabilidade, invisibilidade, medo e solidão. Resistir à rua é, portanto, reagir à rua; é, na discursivização de um problema público, criar contradiscursos que empreguem não uma só uma energia física para suportar uma agressão, por exemplo, mas também uma defesa

¹³ Tradução livre de "*J'ai été expulsé. Voilà, je n'ai pas fait de soucis. J'ai pris mes affaires, je suis parti, j'ai dû libérer le logement pour le propriétaire avec qui j'étais, c'est tout. Qu'est-ce que je pourrais faire?*"

¹⁴ Tradução livre de "*Moi, je voyais souvent des agressions et je m'en mêlais pour demander d'arrêter, calmer les choses. Moi aussi, j'ai été dans plusieurs bagarres. J'ai beaucoup souffert. Je n'en veux plus. La rue, elle est violente.*"

¹⁵ Tradução livre de "*Il m'a agressé. J'ai couru très, très vite. Et je n'ai plus jamais dormi là-bas. À cette époque-là, c'était un peu difficile la vie. Pour moi, c'était un monde un petit peu à part. C'est pas facile de vivre en marge.*"

¹⁶ Tradução livre de "*On ne peut pas se laver, qu'on ne peut pas brosser les dents. Tu ne peux pas exercer. Si on ne peut pas dormir, on ne peut pas être performant. Donc, je ne peux pas proposer mes qualités dans une société si je ne suis pas capable d'être de qualité.*"

moral contra as inúmeras e variadas hostilidades sofridas.

Deixando-se de lado os aspectos linguísticos relativos aos testemunhos colhidos, passamos ao exame daquilo que, em semiótica greimasiana, denomina-se semântica discursiva, ou seja, o momento em que as questões ideológicas que desvelam os valores, as crenças e as posições ideológicas inconscientes do sujeito entram em cena e aparecem de forma mais visível. Para esta análise, lançaremos mão dos conceitos de temas e figuras propostos pela teoria semiótica (cf. Fiorin, 2009) associados aos conceitos de vocabulário e tema desenvolvidos no quadro da semântica global de Maingueneau (2008). Os testemunhos podem ser considerados textos temático-figurativos, à medida que, além de possuírem uma função descritiva ou representativa (própria de textos figurativos), propiciam, quando analisados por uma teoria discursiva, uma função interpretativa (própria de textos temáticos). Dessa forma, nosso objetivo será descobrir alguns temas que são subjacentes às figuras (grosso modo, o vocabulário), para que elas ganhem sentido. Observemos três trechos extraídos dos testemunhos colhidos para deles depreender alguns temas por meio de suas figuras aparentes.

- (8) [E1] Comecei a usar crack na rua e parei por conta própria. Você meio que perde sua dignidade. No final, você se sente um pouco como se estivesse perdendo sua identidade[...] Coloquei todas as minhas coisas em um guarda-volumes na *Estação de trem do Norte (Gare du Nord)*, minha carteira de identidade, meus re-

cibos de pagamento, vinte anos de vida, vinte anos de papel. Eles jogaram tudo fora, todas as minhas roupas, porque eu não podia pagar. Então fui à polícia para tirar uma segunda via da carteira de identidade para poder solicitar um alojamento, e eles disseram: não, desculpe, não podemos aceitar seu pedido porque você não tem endereço fixo. Então, eu vou ver o alojamento sem a carteira de identidade. Eles disseram: não, desculpe, você tem que fazer uma reclamação à polícia. Você vê? Eu preciso me virar¹⁷.

- (9) [E3] Vamos para os chuveiros da piscina pública, onde há duchas e tudo mais. Se o chuveiro não estiver aberto, bem, eu aqueço a água como fazíamos antigamente para aquecê-la, então é assim que eu me lavo. Eu me viro, é a única solução. Eu não penso em desistir, nunca¹⁸.
- (10) [E2] Na verdade, estive no exército, estive na prisão. Sou cabeça dura. A única coisa que preciso é de um teto para que eu possa me lavar e voltar a trabalhar. É um círculo vicioso. Se você não tem um lugar para morar, não pode voltar a trabalhar. Você não vive. Quem é você, finalmente?¹⁹
- (11) [E4] Quanto à política em si, vou ser sincero: nunca fui tirar meu título de eleitor. Nunca votei em minha vida²⁰.
- (12) [E5] O problema é que as pessoas normais que veem pessoas em situação crítica geralmente nos confundem. Se alguém rouba algo, elas dizem: "Bem, ele está na rua, vai fazer a mesma coisa".

¹⁷ Tradução livre de "Moi je suis tombé dans le crack quand même dans la rue et j'ai arrêté tout seul. On perd un peu sa dignité quoi. Finalement, on a un peu l'impression de perdre son identité. [...] je mettais toutes mes affaires à la Gare du Nord, en consigne, carte d'identité, mes fiches de paye, vingt ans de vie quand même, vingt ans de papier. Ils ont tout mis à la poubelle, tous mes vêtements parce que je pouvais pas payer. Alors j'allais à la police, donc faire une déclaration pour pouvoir faire une carte d'identité et pour pouvoir faire une demande de domiciliation. Ils me disent non, désolé, on peut pas prendre votre plainte parce que vous n'avez pas de domiciliation. Alors, je vais aller voir la domiciliation sans carte d'identité. On m'a dit, non désolé, vous devez faire une plainte à la police. Voyez ? je dois me débrouiller".

¹⁸ Tradução livre de "On va aux douches qui sont à la piscine publique, il y a des douches et tout. Si la douche, elle est pas ouverte, ben je fais chauffer de l'eau comme nous avons à l'époque chauffé, donc je me lave comme ça. Je me débrouille. C'est la seule solution. Je pense jamais à désister, jamais".

¹⁹ Tradução livre de "En fait, c'est-à-dire que j'ai fait de l'armée, j'ai fait de la prison, j'ai un cerveau qui est bien dur et la seule chose qu'il me faut, c'est un toit pour pouvoir me laver et reprendre le travail. C'est un cercle vicieux. À ce moment-là tant qu'on a pas de logement, on peut pas reprendre le boulot. Tu vis pas. Qui es-tu finalement ?"

²⁰ Tradução livre de "Quant à la politique même, je vais être honnête, je n'ai jamais été chercher ma carte d'électeur. Je n'ai jamais voté de ma vie".

É bobagem o que estou dizendo, mas isso é para explicar a você²¹.

- (13) [E3] Eles ficam chocados com uma mulher na rua. Há pessoas que, quando passam, olham para nós de forma estranha. Temos a impressão de que somos extraterrestres, que somos especiais²².

Nos excertos retirados dos testemunhos, vocábulos e expressões como *perder, jogar fora, não ter lugar para morar, não poder voltar a trabalhar, nunca* e figuras como *carteira de identidade, título de eleitor, guarda-volumes, estação de trem, recibos de pagamento, vinte anos de vida, vinte anos de papel* recobrem temas que estão subjacentes e que dão sentido a essas figuras: a perda da dignidade e da identidade; por sua vez, podem ser recobertos por outros três temas: a perda da subjetividade, o preconceito e a invisibilidade, recuperados a partir de alguns vocábulos ou expressões, tais quais: *pessoas normais, pessoas em situação crítica, ele está na rua, fazer a mesma coisa, forma estranha, chocados, extraterrestres, especiais*. Além disso, há um percurso temático relativo à resistência bastante destacado nos excertos, principalmente em relação à capacidade que o sujeito desenvolve de enfrentar os desafios e limites que lhe são impostos pelo poder, figurativizado pelo governo e pela sociedade, como podem ilustrar as palavras de E1: "Você vê? Eu preciso me virar"; e as de E3: "Eu me viro, é a única solução. Eu não penso em desistir, nunca". Destaca-se, aqui, a capacidade da pessoa em situação de rua de mudar, de (se) reinventar, de buscar novas formas de vida, de superar, assim, as dissimetrias sociais.

Os temas e as figuras (o vocabulário) destacados trazem para o discurso o modo de ver e pensar o mundo deste grupo social invisibilizado. Por meio de suas falas, percebemos que, aos seus próprios olhos, caminham para um processo de

apagamento, de uma espécie de desconhecimento do eu diante de uma situação deplorável: não possuem documentos, não possuem o mínimo conforto e a mínima privacidade nem para um banho, não possuem trabalho, usam drogas, e, por fim, perguntam-se, desacreditados: "Quem somos nós?" Parecem, assim, não existir, mas não no sentido de que não são perceptíveis, mas de deles querer se desviar o olhar (não são "normais", são "extraterrestres"), de não se querer vê-los. Ignorados pelo governo ou escondidos por detrás de estatísticas, não participam da vida social; são obrigados, portanto, a resistir a essa invisibilidade social, visto que, sem identificação, não podem ter acesso a benefícios sociais, a garantias de vida; não possuem título de eleitor, não votam e, portanto, não expressam sua opinião nem se sentem participantes do processo político social, que veem como coisas dos outros. Como não são representados, não participam de um dos princípios fundadores da democracia: a isonomia dos direitos. Aliados dos direitos jurídico-políticos, são resistência, mais na posição de homem biológico que de cidadão, cuja possibilidade de reivindicar não é exercida (cf. Coracini, 2019).

Outros temas subjacentes às figuras que encontramos nos testemunhos colhidos são a exclusão e a vulnerabilidade. Observemos os fragmentos seguintes.

- (14) [E7] Somos excluídos da sociedade, essa é a palavra. Somos vulneráveis à sociedade, ao sistema. O sistema que faz com que a sociedade nos rejeite. Se eu trabalho, a sociedade não me rejeita. É a política que nos exclui da sociedade, do trabalho²³.
- (15) [E1] Sempre trabalhei, mas acabei nas ruas, à margem da sociedade²⁴.
- (16) [E7] Para mim sociedade é uma palavra, não sei como dizer. Eu preferi viver em

²¹ Tradução livre de "*Le problème, c'est que les personnes normales qui voient des personnes en détresse nous mettent, nous assimilent souvent ensemble. Quelqu'un va voler quelque chose, il va dire tiens, lui, il est dans la rue, il va faire la même chose. C'est idiot ce que je dis, mais ça, c'est pour vous expliquer*".

²² Tradução livre de "*Une femme dans la rue, ça les choque beaucoup. Il y a des personnes, quand ils passent, ils nous regardent bizarre. On a l'impression qu'on est des extraterrestres des spécificités, voilà c'est ça*".

²³ Tradução livre de "*On est exclus de la société, c'est ça le mot. On y est vulnérable face à la société, face au système. Le système qui fait que la société nous refuse. Si je travaille, la société me refuse pas. C'est la politique qui nous met exclus dans la société, du travail*".

²⁴ Tradução livre de "*J'ai toujours travaillé, mais je me suis retrouvé dans la rue en marge*".

meu próprio canto do que viver em sociedade²⁵.

- (17) [E4] Pessoalmente, o fato de não fazer nada, o fato de estar inativo, é o que mais me incomoda. Sou uma pessoa que trabalha muito, tenho sessenta e seis trimestres para trabalhar por toda a minha aposentadoria e hoje não tenho a oportunidade de encontrar um emprego. Enquanto não tiver acomodação, estou de mãos atadas²⁶.

Ambicionando mapear os temas descritos, observaremos, novamente, os lexemas, ou seja, as palavras que se encontram no léxico da língua e que ajudam a construir as figuras que recobrem os temas. Dessa forma, palavras ou expressões como *excluído*, *vulnerável*, *rejeição*, *margem da sociedade*, *viver em seu próprio canto*, *estar de mãos atadas* ajudam a figurativizar o tema da exclusão de uma população que carece de inserção no bojo da sociedade. As pessoas em situação de rua parecem não acompanhar a lógica do sistema social capitalista, que apregoa que as pessoas vivam em espaços privados. Assim, ao executarem nos espaços públicos o que seria da ordem do privado, são excluídas violentamente do sistema, consideradas malquistas (ainda que o contato da maioria das pessoas com elas seja apenas visual) e, portanto, em posição de vulnerabilidade: “vivo-morto” ou “morto-vivo”, indaga-se Coracini (2019, p. 20).

Como já adiantado, as pessoas em situação de rua, excluídas e vulneráveis, são faladas pelos lugares de poder (cf. Foucault, 2007), que são, por sua vez, ocupados, geralmente, por autoridades que propagam a ideologia da classe dominante. Esse grupo social marginalizado só se torna visível em páginas de jornais sensacionalistas, programas de cunho policial e nos programas assistencialistas organizados pelos governos dos estados e do país. Sua voz é, portanto, negligenciada, inferiorizada ou (auto)censurada, de forma a sofrer sob fatores que engendram o aparecimento ou a

cristalização de preconceitos e intolerâncias. Para nós, se o testemunho pode ser entendido como um contradiscurso de resistência, já que é de sua natureza o atributo de contar, (re)interpretar, refletir e opor-se a discursos de poder de natureza opressora – aqui, recuperamos a afirmação de Foucault (2007) de que é nas relações de poder que se encontra a resistência –, o discurso das pessoas em situação de rua deve ser entendido como um gesto de resistência à vulnerabilidade, à invisibilidade, ao negacionismo, ao poder instituído, aos estereótipos. Dar voz a esse grupo é, certamente, fazer agir, afinal, resistir é reagir. A resistência não deve, a nosso ver, ser entendida como um sentimento ou uma reflexão intelectual: a resistência demanda ação.

À lista dos temas arrolados, é impossível não se atentar, ainda, para a questão do trabalho. Ao ser excluída da vida política, econômica e social, a população de rua também é privada do acesso ao trabalho e, portanto, de uma vida estável com recursos econômicos necessários para o seu sustento. Vocábulo e expressões como *trabalhar*, *emprego*, *aposentadoria*, *sempre trabalhei* denotam para esse grupo de pessoas o desejo de se reinserir na vida social, já que percebemos que todos os entrevistados sempre tiveram vínculos com o trabalho, mas, por razões diversas, viram-se fora das atividades laborais e, conseqüentemente, do sistema econômico e de seus direitos mínimos como cidadãos. Em seus discursos, observados pela perspectiva dialógica da linguagem (cf. Bakhtin, 2006, 2008), outros discursos ecoam, sobretudo aqueles que consideram as atividades profissionais como atividades nobres, ligadas à identidade e à realização do sujeito. No sistema capitalista que molda as sociedades dos mais variados países, as pessoas devem ter responsabilidades e deveres. O trabalho seria, para muitos deles, o resgate da identidade perdida.

Por último, gostaríamos, pelo exame dos temas, das figuras e do vocabulário, tecer algumas

²⁵ Tradução livre de “*Pour moi la société c’est un mot, je sais pas comment dire. J’ai préféré vivre dans mon coin que vivre dans la société*”.

²⁶ Tradução livre de “*Le fait de ne rien faire, ça personnellement, le fait d’être inactif, c’est ce qui me dérange le plus. Je suis un bosseur, il me reste soixante-six trimestres à travailler pour toute ma retraite et je n’ai pas l’opportunité aujourd’hui de pouvoir trouver un emploi. Tant que je n’ai pas de logement, je suis coincé*”.

breves considerações a respeito da imagem discursiva (o *éthos*) da população de rua entrevistada durante nossa pesquisa em Paris. Recuperando as noções teóricas explicitadas na seção anterior, verificaremos, pelo modo de enunciação componente da semântica global (cf. Maingueneau, 2008), como podemos entender o tom de voz, a corporalidade e o caráter (o *éthos* propriamente dito) dos testemunhos colhidos.

Nos testemunhos analisados e nos exemplos elencados anteriormente, percebemos que o tom de voz discursivo assumido pelas pessoas em situação de rua é um tanto baixo, quase inaudível, um ruído, por assim dizer. O *éthos* da pessoa em situação de rua traz em sua voz um tanto de lamento, tristeza e, muitas vezes, resignação, coerentes à sua falta de representação social, afinal, excluídos não têm vez nem direito à voz. O corpo discursivo, por sua vez, é frágil, instável, vulnerável, curvado ou dobrado aos ares caóticos, sem fronteiras, miscigenados dos espaços urbanos franceses. Um corpo que se exclui porque talvez tenha perdido o olhar, já que, como artefato urbano, é um corpo sem fisionomia, para o qual as pessoas preferem não olhar. Um corpo que se traduz, assim, neste espaço de confronto social, pela invisibilidade. Aqui há, mais uma vez, claros sinais de resistência, visto que as pessoas em situação de rua opõem a força própria à força alheia. Há, no corpo da pessoa que vive na rua, uma força que resiste a uma outra força, que lhe é exterior, e cuja natureza é assassina, destrutiva, mortífera, causando o ódio, a violência, o preconceito, a intolerância, etc.

Quanto ao caráter que permeia esse tom de voz e esse corpo discursivos – o *éthos* propriamente dito – dos testemunhos, trata-se, primeiramente, de uma testemunha confiável, que faz uma apresentação de si pela qual assume toda a responsabilidade e diz ser verdade. Mas, em meio a tantos desatinos, cria também a imagem de um resistente, um combatente, que, apesar das dificuldades, das múltiplas exclusões, da

pobreza e toda a sorte de iniquidade social que o permeiam, busca, mesmo com os vínculos sociais rompidos, criar contradiscursos de resistência, com nuances de força, dignidade, coragem, bondade: um bom caráter, afinal, como vemos nos fragmentos extraídos a seguir.

(18) [E4] Eu enterrei meu pai há quatorze anos. Enterrei minha mãe há vinte e cinco anos, enterrei minha irmãzinha quando eu tinha sete anos. Não, não sou o digno representante da família, mas o último. Tenho dignidade. Fui muito bem-educado²⁷.

(19) [E1] Eu nem penso em roubar [...] como eu disse, cai no crack na rua e parei por conta própria. Fui duas vezes campeão francês de golfe, cego de um olho²⁸.

Considerações finais

Neste texto, buscamos observar como o gênero discursivo testemunho, interpretado como objeto discursivo de ressonância e materialização de contradiscursos de resistência, é proveitoso tanto para dar voz a grupos sociais historicamente marginalizados e silenciados, considerados invisíveis, inaudíveis, excluídos e indignos, quanto para não deixar cair no esquecimento as mazelas sofridas por esses grupos em sua via errante. No caso desta pesquisa, em especial, nosso olhar voltou-se à população de rua, na França, cujas pessoas, solitárias ou organizadas em pequenos grupos de iguais reúnem-se em praças e espaços públicos de grandes cidades, inicialmente em busca de suprir as necessidades naturais (comer, dormir, banhar-se, ganhar algum dinheiro) e, posteriormente, na tentativa de resistir e avançar.

Ao narrarem e testemunharem sobre a suas próprias vidas marginalizadas, as pessoas em situação de rua, condicionadas por estruturas sociais e sistemas de poder, colocam-se em constante processo de resistência, por meio de contradiscursos urgentes e necessários, que,

²⁷ Tradução livre de "J'ai enterré mon père il y a quatorze ans. J'ai enterré ma mère il y a vingt-cinq ans, j'ai enterré ma petite sœur, j'avais sept ans. Non, je suis pas le digne représentant de la famille, mais le dernier. J'ai de la dignité. J'ai été très bien élevé".

²⁸ Tradução livre de "C'est hors de question que j'aie voler. Comme je vous ai dit, je suis tombé dans le crack quand même dans la rue et j'ai arrêté tout seul. J'ai été deux fois champion de France de golf, avec un œil crevé".

ao se imporem, favorecem diretamente o não esquecimento das experiências sociais calamitosas e violentas às quais essas pessoas estão submetidas. Em outras palavras, esses testemunhos, ao veicularem dizeres que denunciam exclusões, medos, violências, discriminações e desigualdades, proferidos por pessoas em situações sociais extremas, fazem emergir, reiterar e alastrar múltiplos contradiscursos de resistência (de aceitação, de igualdade, de mistura, de mestiçagem, de pluralidade, de simetria de relações, etc.) que têm a capacidade de subverter o poder legitimado, não só colocando em questão a ordem (e a desordem) natural do mundo, mas também contribuindo para o estabelecimento de novos e promissores contratos sociais cada vez mais plurais e de diálogo com as diferenças.

Dessa maneira, os testemunhos que colhemos propõem um novo recorte e ordenamento do mundo, a partir da criação de espaços de luta que possibilitam a transformação social em toda parte e nos quais estão previstos um outro pensar e um outro olhar, oriundos de homens e mulheres que ocupam a margem da sociedade e que, por isso, podem ser vistos como símbolo de resistência e luta contra as desigualdades sociais. Nesse sentido, as análises que apresentamos anteriormente, embora muito distantes de esgotar a questão, revelam como esse grupo social em situação de extrema pobreza, ao se manter firmemente diante de todas as adversidades sócio-históricas que grassam em nossas sociedades, enfrentam as desigualdades de nosso tempo, disseminadas em processos culturais, históricos e econômicos ilegítimos de apoderamento do poder. Observamos, pelas histórias colhidas, que, em nome de sua sobrevivência, as pessoas que vivem nas ruas resistem, coletivamente, não só às violências físicas (fome, frio, sede, calor, dor, doenças), mas também à violência simbólica (exclusão, invisibilidade, perda de identidade, vulnerabilidade, fragilidade, esquecimento), na construção de um caminho nada convencional de existência. As palavras que escutamos e que aqui reproduzimos descrevem e desvelam atitudes de resistência diante daquilo que salta aos

olhos e que está legitimado econômica, social e discursivamente pela ruptura da coesão social, em que as sociedades atuais se amparam.

Por fim, nosso desejo, ao dar voz sincera e espontânea, por meio de testemunhos, a indivíduos em condições econômicas e sociais desfavoráveis, é de que este trabalho ajude a despertar a tomada de consciência do sujeito "invisível", instigando intervenções contrárias a atos de violência e de desumanidade nas ruas de nossas cidades.

Agradecimento

O autor agradece à Capes pela bolsa de pós-doutorado que possibilitou esta pesquisa (Capes-Print – Processo 88887.910661/2023-00); à Cergy Paris Université, pelo acolhimento do projeto; e à Associação Aurore, que nos abriu os olhos para os invisíveis franceses em Paris.

Referências

- ABRAMS, Lynn. *Oral History Theory*. London: Routledge, 2010.
- AMOSSY, Ruth. L'espèce humaine de Robert Antelme ou les modalités argumentatives du discours testimonial. *Semen. Revue de sémio-linguistique des textes et discours*, Paris, v. 17, p. 1-15, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.2362>.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de (org.). *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2008.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1991.
- BERTRAND, Denis. *Précis de sémiotique littéraire*. Paris: Nathan Université, 2003.
- BRAIT, Beth. Discursos de resistência: do paratexto ao texto. Ou vice-versa? *Alfa*, São Paulo, v. 63, n. 2, p. 243-263, 2019.
- CORACINI, Maria José (org.). *Identidades silenciadas e (in)visíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Campinas: Pontes, 2019.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. São Paulo: Graal, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II*. Ensaios semióticos. Trad. Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dictionnaire raisonnée de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 2006.

JOMINI, François; JOUSSET, David; POCHET, Fred; TARDIEU, Bruno. *Pour une nouvelle philosophie sociale*. Transformer la société à partir des plus pauvres. Bordeaux : Le Bord de l'Eau éditions, 2023.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: Oral versions of personal experience. *Journal of Narrative & Life History*, Amsterdam, v. 7, n. 1-4, p. 3-38, Jan. 1997. DOI: <https://doi.org/10.1075/jnlh.7.02nar>.

LARA, Gláucia Muniz Proença. *Entre experiências e memórias*: narrativas de vida de migrantes brasileiros na Europa. Campinas: Pontes, 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sirio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARIANI, Bethania. *Testemunhos de resistência e revolta*. Um estudo em Análise do Discurso. Campinas: Pontes Editores, 2021.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

TOCAIA, Luciano Magnoni. A mídia francesa politicamente incorreta: traços de preconceito e intolerância na análise de primeiras páginas do jornal Minute. *Revista Todas as Letras*, São Paulo, v. 20, p. 181-195, 2018.

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso do ódio contra imigrantes na imprensa francesa: emoção, tensão e significação. In: LIMA, Helcira; AOKI, Raquel; MAZZOLA, Renan (org.). *Retórica, argumentação e emoções*: itinerários convergentes. Campinas: Pontes, 2023.

VELCIC-CANIVEZ, Mirna. *Prendre à témoin*. Une étude linguistique. Paris: Éditions Ophrys, 2006.

WIEVIORKA, Annette. *L'ère du témoin*. Paris: Fayard, 2013.

Luciano Magnoni Tocaia

Doutor em Letras, professor de Semiótica Discursiva e Análise do Discurso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, seus trabalhos se voltam a análises enunciativo-discursivas de textos pertencentes a variadas esferas sociais, sobretudo daqueles em que se observam questões relativas a preconceito e intolerância contra grupos sociais considerados como minorizados.

O autor agradece à Capes pela bolsa de pós-doutorado que possibilitou esta pesquisa (Capes-Print - Processo [88887.910661/2023-00](https://doi.org/10.1075/jnlh.7.02nar)), à Cergy Paris Université, pelo acolhimento do projeto e à Associação Aurore, que abriu os olhos para os invisíveis franceses em Paris.

Endereço para correspondência

LUCIANO MAGNONI TOCAIA

Rua Professor Moraes, 476, apto 1901

Funcionários, 30150-370

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.